



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

SANKOFA VISITA MATA CAVALO: REFLEXÕES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho¹

Resumo: Este texto trata-se de reflexões elaboradas a partir de um projeto de extensão intitulado “Sankofa” que foi realizado entre outubro de 2022 e novembro de 2023. Em específico, sobre a visita realizada na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, território localizado na cidade de Nossa Senhora do Livramento à 50 km de Cuiabá – capital do Estado. O intuito é discutir, como a partir de uma metodologia de ensino e aprendizagem em espaços formais e informais de ensino, em conjunto com a sociedade civil, o projeto corroborou com a consolidação da lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira, envolvendo intrinsecamente o ensino, a pesquisa e a extensão. Ademais, o projeto esteve vinculado a duas disciplinas que contemplam a referida lei: i) história e cultura afro-brasileira e indígena – para discentes do segundo semestre do curso de História; ii) história da África – para discentes do sétimo semestre do curso de História. Ao todo, cento e vinte e três discentes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, se inscreveram no projeto, demonstrando uma evidente necessidade de projetos, programas, eventos e pesquisas que atendam a demanda das relações étnico-raciais em âmbito universitário. Durante os últimos três meses de conclusão do projeto, os discentes envolvidos desenvolveram oficinas em escolas públicas da cidade de Cuiabá, das quais como tema principal estava em debate perspectivas afro-brasileiras sobre o Estado de Mato Grosso. Ao final do projeto, mais de quinhentos alunos e alunas da rede pública haviam participado das oficinas. Este artigo, busca debater tais percepções acerca desta experiência extensionista.

Palavras-chave: Sankofa; Comunidade Quilombola de Mata Cavalo; Lei 10639/03; Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos reflexões elaboradas a partir de um projeto de extensão intitulado “Sankofa²”, que teve vigência entre outubro de 2022 e novembro de 2023. Nosso principal objetivo foi o de promover a compreensão do patrimônio material e imaterial mato-grossense levando em consideração os aspectos étnico-raciais em uma perspectiva decolonial. Entendemos Cuiabá, assim como Rio de Janeiro e Salvador, como uma “cidade negra”, ou seja, a capital do Estado, assim como outras cidades, foi constituída por mãos, suor e sangue da população africana e afro-brasileira.

Portanto, este projeto buscou constituir novas ideias sobre a contribuição da população afro e afro-brasileira, a partir de experiências de pesquisa de campo, cumprindo também a Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018, em que estabeleceu as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT, campus Cuiabá. Doutora em História. Orcid: 0000-0002-4210-2027. E-mail: joselene.carvalho@ufmt.br

² As informações relativas ao projeto foram suprimidas para manter o anonimato e serão reintroduzidas em caso de aprovação do artigo.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Em 1967, Paulo Freire publicou o livro “Extensão e comunicação?” segundo Gadotti “trata da estrutura da comunicação entre técnicos e camponeses no desenvolvimento da sociedade agrária. Ele opôs o conceito de “extensão da cultura” ao de “comunicação sobre cultura” (2017, p. 5). A ideia era simples: ao invés de sugerir que a universidade deveria oferecer os intelectuais para pensar sobre os problemas cotidianos, Paulo Freire argumentava que as experiências deveriam dirigir o processo. Como pontuou Gadotti, “a extensão é também a universidade no território” (2017, p. 12). A extensão seria uma troca de comunicação em que a sociedade definiria o que é que a universidade poderia fazer por e com elas. Foi pensando neste modelo de extensão que surgiu o Sankofa, objeto central deste texto.

Pensar na junção do ensino, pesquisa e extensão tem sido desafiador nos últimos tempos, pois, se trata de compreender estes três elementos de maneira conjunta e não hierárquica. Além disso, concordamos com Oliveira e Candau quando salientam que “A questão central num projeto de emancipação epistêmica é a coexistência de diferentes epistêmes ou formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia quanto nos movimentos sociais” (Oliveira, Candau, 2010, p. 23). Portanto, o Sankofa buscou unir essas ideias: um projeto de extensão composto por alunas (os), professoras (es) e militantes do movimento negro de Mato Grosso, que se dedicaram em pensar uma História do Estado a partir das experiências africanas e afro-brasileiras.

À guisa destes desafios, o projeto foi pensado em dois momentos. O primeiro, tratava-se de: discussões de textos, visitas em espaços e participação do movimento negro do Estado, para tirar dúvidas e contribuir com o aprendizado dos discentes. O segundo: a elaboração de oficinas didáticas a partir do que foi vivenciado e estudado no primeiro momento, que diz respeito à história afro e afro-brasileira em Mato Grosso, para alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas em Cuiabá e Várzea Grande. Em específico neste texto, abordaremos uma atividade realizada na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento em Mato Grosso.

É imprescindível destacar que a ideia deste projeto, também esteve em consonância com a consolidação das leis 10639/03 e 11645/08 que foram resultados de uma luta constante pós-abolição do movimento negro no Brasil. Especificamente, buscamos discutir as experiências constituídas pela diáspora africana no contexto mato-grossense a partir das trajetórias e



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

memórias desta população, a fim de corromper com uma ideia eurocêntrica de ensino, em que a África e a cultura diaspórica são compreendidas como apêndice à história europeia. Assim, partimos de uma concepção decolonial que “trata-se, em síntese, de uma construção alternativa à modernidade eurocêntrica, tanto no seu projeto de civilização quanto em suas propostas epistêmicas” (Oliveira, Candau, 2010, p. 17)

A disciplina de História foi uma das precursoras em lidar com os estudos sobre a África e a cultura afro-brasileira. Deste modo, a proposta foi de possibilitar o estudo crítico sobre a invisibilidade da população afro-brasileira da História do Estado de Mato Grosso, com o intuito de estabelecer ações para reverter esse quadro.

O SURGIMENTO DA LEI 10639/03 E SUA IMPORTÂNCIA PARA O CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Em 2023 foi possível comemorarmos os vinte anos da lei 10639/03. Entre desafios e possibilidades, é fundamental destacarmos que houve avanços significativos acerca do debate das relações étnico-raciais. No campo educacional, a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2017) destaca que o movimento negro se dedicou em duas frentes de luta no Brasil: i) ocupar os espaços escolares e universitários. Durante o período pós-abolição sem políticas de reparação aos mais de trezentos anos de escravidão, foi negado à população africana e afro-brasileira que frequentassem os lugares formais de ensino. Por isso, tornou-se uma das reivindicações mais importantes do movimento; ii) a reivindicação de um currículo que fizesse sentido às experiências afro-brasileiras. Após 1988 em que constitucionalmente a educação se tornou pública e gratuita para todos, e que finalmente a população negra pôde frequentar os ambientes escolares legalmente, não havia identificação com o conteúdo ministrado no ensino. A menção sobre o continente africano, por exemplo, dava-se apenas ao período colonial e como um apêndice da Europa. Portanto, a luta passou a ser sobretudo acerca da obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira que foi formada mediante a diáspora. No entanto, é necessário enfatizar que a legislação não se trata apenas da inserção de novos conteúdos, mas da disputa por uma memória que por séculos buscou omitir a presença da cultura africana e afro-brasileira na educação no Brasil.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Apesar de, na história africana, a experiência colonial representar apenas um momento muito breve na perspectiva de hoje em dia, esse momento ainda é carregado e controverso já que, para dizer o mínimo, ele significou uma nova forma histórica e a possibilidade de tipos radicalmente novos de discursos sobre as tradições e culturas africanas (Mudimbe, 2023, p. 17).

Deste modo, a lei 10639/03 consolida-se a partir de reivindicações seculares do movimento negro. Segundo Oliveira e Candau a partir de uma perspectiva decolonial, é possível interpretarmos que esta lei “no campo educacional além de apresentaram caráter epistemológico e político, também se caracterizam como um “projeto de existência e de vida” (Oliveira, Candau, 2010, p. 37).

No ambiente universitário é ainda mais problemático quando não aprendemos sobre História da África, pois, se trata de uma lei que torna o assunto obrigatório – não apenas na licenciatura em História – em que estamos formando profissionais para atuar como docentes e deixar de ensinar sobre essa temática, incide em uma preparação deficitária.

Sendo assim, como reverter esse quadro em que mesmo com a existência da lei, ainda existem dificuldades? Muitos são os pontos a serem revistos, dentre eles, Munanga (2015) destaca um dos elementos primordiais a ser ensinado e que foi legitimado por esta legislação, trata-se da educação multicultural. Saberes distintos, costumes representativos de um povo, compartilhamento de experiências, auxiliam na construção de um ensino crítico sobre a sociedade. Em conjunto a esta proposta do autor, construímos outras ideias defendidas por Catherine Walsh (2005) acerca do “pensamento-outro”. Sobre este conceito, entendemos que levar nossos alunos para ter contato com a Comunidade Quilombola de Mata Cavalo foi reconhecer não apenas sua existência, mas seus saberes, caminhando em semelhança com outra concepção defendida pela autora acerca do “pensamento-fronteira” que “significa tornar visíveis outras lógicas e formas de pensar, diferentes da lógica eurocêntrica dominante” (Oliveira, Candau, 2010, p. 26).

O projeto de extensão que originou a ideia deste texto, teve como objetivo criar espaços formais e informais de uma educação voltada para as relações étnico-raciais. Para que fosse possível, contou com o auxílio de militantes do movimento negro de Mato Grosso, professores da rede municipal, estadual e federal de ensino e a colaboração da participação de alunos e alunas interessados no tema. Buscamos refletir que, mesmo que haja em nosso currículo um



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

espaço destinado ao cumprimento da lei, uma disciplina, apenas, não dá conta de estudar a grandiosidade das sociedades africanas e a relação com a história do Brasil. “Os discursos africanos têm sido silenciados radicalmente, ou, na maioria dos casos, convertidos por discursos ocidentais conquistadores” (Mudimbe, 2022, p. 17) Assim, a perspectiva é de que o Sankofa tenha sido o início para que sejam elaborados projetos e pesquisas que contribuam para a coletividade destes saberes.

A experiência detalhada abaixo, visa apontar caminhos em busca de ampliarmos o leque de possibilidades em lidar com a lei 10639/03 e 11645/08 no âmbito universitário, em específico, na extensão universitária.

CULTURA AFRO E AFRO-BRASILEIRA EM MATO GROSSO

Quando pensamos em extensão universitária, costumeiramente, refletimos sobre o quanto a universidade pode oferecer a comunidade. No entanto, na experiência compartilhada neste texto, propomos a reflexão inversa, ou seja, o quanto a partir da extensão, nós docentes e discentes envolvidos em projetos, programas e eventos, aprendemos com os variados saberes, que em muitos casos foram e são negados no ambiente acadêmico, sobretudo devido ao *epistemicídio*³ mas que emergem a partir das experiências dos diversos sujeitos históricos que chegam à universidade, principalmente a partir das políticas públicas, como é o caso da Lei de Cotas instituída em 2012.

Partindo desse pressuposto, configurou-se o projeto “*Sankofa*”. *Sankofa* é um ideograma africano simbolizado por um pássaro em que olha para trás. Em ganês, o termo “*san*” significa retornar, “*ko*” - ir e “*fa*” “olhar, buscar, pegar”. No modelo historiográfico, entende-se que *sankofa* se trata de uma relação entre o presente e o passado, em que retomamos discussões, memórias e experiências de um tempo que passou, mas que permanece influenciando o presente. Além disso, a representação do pássaro em que olha para trás, é identificada como a não vergonha em voltar e recomeçar, fazer de uma maneira diferente. Ao refletirmos sobre o ensino de História, é praticamente intrínseca à definição desta disciplina. O passado importa na medida em que no presente, podemos construir novos significados para o futuro.

³ Utilizamos este termo fazendo referência as discussões elaboradas por Sueli Carneiro, a referência encontra-se no final do texto.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Deste modo, este foi o termo escolhido para o título do projeto de extensão iniciado em outubro de 2022 e que foi finalizado em novembro de 2023. O projeto foi dividido em dois momentos: o primeiro, em encontros para a aprendizagem do tema sobre a cultura africana e afro-brasileira em Mato Grosso. Entre as diversas atividades do projeto, foram realizadas: debate de literatura africana com professora convidada, especialista no tema; visita à uma batalha de rap, participação de uma roda de capoeira, caminhada na rota da ancestralidade no centro histórico de Cuiabá, visita à fazenda Jacobina em Cáceres, acompanhamento da lavagem das escadarias, entre outras atividades envolvendo a cultura popular negra no Estado, como à visita a comunidade quilombola que será detalhada a seguir.

No segundo momento, dividimos os participantes do projeto em equipes das quais elaboraram oficinas envolvendo as temáticas discutidas durante a primeira parte e apresentaram em escolas públicas de Cuiabá e Várzea Grande.

As oficinas foram realizadas entre os meses de setembro a novembro de 2023. Assim dividimos os grupos: Equipe 1) "Quariterê" que discutiu o tema "Quilombos em Mato Grosso: do passado ao presente". Equipe 2) "Beneditos" que apresentou a oficina sobre "A escravidão africana em Mato Grosso"; Equipe 3) "Rosários" que destacou "Tradições afro-brasileiras em Cuiabá: a lavagem das escadarias da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito"; Equipe 4) "Tereza de Benguela" que discutiu "Tereza de Benguela e o Quilombo do Piolho: liderança, resistência e identidade quilombola em Mato Grosso"; Equipe 5) "Sementes de Baobá", que enfatizou sobre "Ancestralidade, memória e patrimônio material e imaterial em Mato Grosso"; e por fim, a Equipe 6) "Afroconexão" que discutiu "Do quilombo as favelas, os lugares de resistências para além dos estereótipos". Além destas equipes, foi apresentada uma oficina intitulada "Sankofa"⁴ na XIV Mostra de Extensão Universitária.

Todas estas oficinas tiveram como objetivo discutir as relações étnico-raciais presentes no estado de Mato Grosso. No final do projeto, ao receber as listas de chamada, foi possível contabilizar que as oficinas foram apresentadas para 496 alunos de escolas públicas nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande.

⁴ As informações relativas a oficina e à instituição de organização do evento foram suprimidas para manter o anonimato e serão reintroduzidas em caso de aprovação do artigo.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Para este artigo, a escolha foi a de detalhar reflexões acerca da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, em que visitamos durante a festa da Banana em julho de 2023 que compôs a primeira parte do projeto, pois, como é perceptível entre os temas escolhidos para as oficinas, a temática de quilombos esteve presente majoritariamente.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO

“As comunidades de fugitivos da escravidão produziram histórias complexas de ocupação agrária, criação de territórios, cultura material e imaterial próprias baseadas no parentesco e no uso e manejo coletivo da terra”

Flávio Gomes

Escrever acerca da história de Mato Grosso é refletir sobretudo, a relação com os quilombos. Faz parte do cotidiano de Cuiabá - capital do Estado – por exemplo, em patrimônios disponíveis em parques, como o monumento de Mãe Bonifácia⁵; em bairros, como o “Quilombo” que foi um antigo bairro em que viviam ex-escravizados e africanos forros; ou em grandes marcos da história de outras cidades, como em Vila Bela do Santíssimo Sacramento – primeira capital do Estado – o quilombo de Quariterê ou do “Piolho” em que a figura de Tereza de Benguela é o maior poder simbólico.

Dessa forma, um Estado que popularmente é conhecido como o maior representante do agro no Brasil⁶, em contrapartida, possui a população quilombola resistindo e persistindo na luta à terra.

Em 2023, pela primeira vez o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados específicos sobre a população quilombola. Em Mato Grosso, foram declaradas 11.719 pessoas quilombolas. Poconé que está localizada a 103 km da capital, é o principal município com população quilombola, 3445 pessoas. Dessa forma, faz parte da realidade de nossas escolas e universidades, a presença de alunos quilombolas. Em 2017, a universidade⁷

⁵ Mãe Bonifácia foi uma ex-escravizada que se encarregou de auxiliar e refugiar escravizados que estavam à procura de quilombos. Para maiores detalhes de sua história:

https://www.camaracuiaba.mt.gov.br/index.php?pag=tur_item&id=26 Acesso em: 05 fev. de 2024.

⁶ Disponível em : <https://summitagro.estadao.com.br/comercio-exterior/agronegocio-veja-os-10-principais-estados-produtores-do-brasil/> Acesso em: 10 de jan. de 2024.

⁷ As informações foram suprimidas para manter o anonimato e serão reintroduzidas em caso de aprovação do artigo.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

realizou pela primeira vez a versão de um programa voltado a políticas públicas de permanência para estes alunos na instituição.

A Comunidade Quilombola de Mata Cavalo em que estudamos e visitamos fica à 50 km de Cuiabá no município de Nossa Senhora do Livramento. É composta por aproximadamente 400 famílias e representa no Estado de Mato Grosso a luta quilombola pelo reconhecimento de suas terras e a resistência à expropriação de fazendeiros. “O território quilombola atual está dividido em seis localidades, cada uma com uma associação registrada: Mata Cavalo de Cima, Mata Cavalo de Baixo, Ponte da Estiva (Fazenda Ourinhos), Ventura Capim Verde, Mutuca e Aguassú” (Campos, 2017, p. 2).

Diferentemente da concepção tradicional de quilombo, como patrimônio material da resistência ao período da escravidão no Brasil, a comunidade quilombola de Mata Cavalo foi constituída como quilombo a partir da doação de terras. Ricardo Alves Bastos deixou em testamento as terras para sua esposa Anna da Silva Tavares que em 1883, legalizou em cartório a doação de parte de suas terras, denominada Sesmaria Boa Vida, para seus escravizados.

Em 1890, houve a primeira tentativa de expropriação destas terras, quando um casal de elite que vivia aos arredores da comunidade, reivindicava em uma ação, a retirada dos negros libertos da Sesmaria. Em 2007, a Comunidade recebeu a “certidão de autorreconhecimento quilombola pela Fundação Cultural Palmares” (Campos, 2017, p. 2). No entanto, ainda hoje sofre com conflitos agrários, sem que a regularização de seus territórios tenha se efetivado, ao mesmo tempo em que resiste em suas práticas cotidianas quilombolas. “As experiências históricas características das populações dessa diáspora criaram um corpo único de reflexões sobre a modernidade e seus sabores, que é uma presença permanente nas lutas culturais e políticas de seus descendentes atuais” (Gilroy, p. 108).

Visitar este quilombo, principalmente em um contexto de festa, deu-se por entender a importância da disputa das variadas memórias que estes espaços ocupam na História. Pollak (1989) discutiu como o conjunto de memórias que fundamentam o pertencer, podem ser compreendidas enquanto “comunidade afetiva”. Assim acontece em Mata Cavalo, pois, os saberes, a cultura e as tradições, foram herdadas sobretudo a partir dos laços de parentesco pela oralidade. “A permissão para usufruto da terra era organizada conforme o parentesco, levando em conta especialmente os ex-escravizados nas terras da Sesmaria Boa Vida, consideravam



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

também o parentesco por afinidade por compadrio e devoção aos santos” (Santos, 2017, p. 4). Além disso, criam-se experiências e memórias únicas no contexto de diáspora conforme nos sugere o autor abaixo:

O dinâmico trabalho de memória que é estabelecido e moralizado na edificação da intercultura da diáspora construiu a coletividade e legou tanto uma política como uma hermenêutica aos seus membros contemporâneos. Aqui também as fronteiras oficiais do que conta como cultura foram alargadas e renegociadas. A ideia de diáspora se tornou agora integral a este empreendimento político, histórico e filosófico descentrado, ou, mais precisamente, multi-centrado (Gilroy, 2001, p. 17).

No campo dos estudos de Humanidades, temos discutido cada vez mais a abrangência das noções acerca de identidade. Stuart Hall define que “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (2006, p. 11). Deste modo, embora não haja homogeneidade entre esta comunidade, há algo que a define enquanto grupo: suas experiências passadas e a luta no presente pelo reconhecimento de suas terras, a partir de seu valor cultural. Os valores, os costumes, são reproduzidos em atos no cotidiano, mas também em eventos específicos como as festas que são abertas para o restante da sociedade e que marcam um fio definidor daquele espaço na construção de saberes.

O *Sankofa* organizou-se coletivamente para a ida à festa de modo que, os participantes do projeto que tinham carro, disponibilizaram vagas para os demais. Ao todo, foram sete carros, totalizando 35 pessoas. Em contato prévio, com uma das organizadoras da festa que vive na comunidade quilombola, foi repassado que haveria um almoço gratuito para todos. Só eram cobrados os produtos vendidos pelos moradores do quilombo, a partir da banana – que era o objeto central da festa, pois, se chamava “Festa da Banana” – em uma espécie de feira ao lado de onde era servida a comida. Além disso, após o almoço, a festa seguia com uma banda tocando *lambadão*⁸ e com a venda de demais produtos na feira da banana. Este último item, sendo encontrado não apenas na produção atual, mas também desde a formação do quilombo. Conforme podemos observar abaixo:

⁸ Estilo rítmico que em conjunto com demais manifestações tradicionais como siriri e cururu, são identificadas como cultura popular urbana, típicas em Mato Grosso.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Segundo registros do laudo antropológico, a produção agrícola no quilombo no tempo dos antepassados era baseada no trabalho familiar, onde criavam pequenos animais e plantavam banana, milho, arroz, feijão, cana de açúcar, e mandioca, fabricavam também farinha de mandioca e sabão, fiavam algodão para produção de redes, entre outros produtos. A maior parte dessa produção era para consumo local e em alguns casos comercializavam os excedentes” (Souza, 2020, p. 132)

A Festa da Banana foi criada em 2008 pela Associação da Comunidade Negra Rural Quilombo Ribeirão da Mutuca – ACORQUIRIM e acontece todos os anos no mês de julho “sua programação conta com palestras sobre agroecologia, feira de artesanato e produtos locais, apresentações de cururu e siriri e dança afro” (Souza, 2020, p. 132), além do almoço servido gratuitamente, conforme podemos observar nas fotografias abaixo tiradas pelos alunos do projeto durante a festa.

IMAGEM 1: COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO, FESTA DA BANANA, JULHO 2023



Fonte: Acervo pessoal

IMAGEM 2: ALMOÇO QUE REPRESENTA A TRADIÇÃO DA COMUNIDADE.



Fonte: Acervo pessoal



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

IMAGEM 3 - FEIRA NA FESTA DA BANANA – PRODUTOS FEITOS E VENDIDOS PELA COMUNIDADE.



Fonte: Acervo pessoal.

É importante ressaltar que esta comunidade organiza outras festas durante o ano, o que na literatura denominamos como “festas de santos” que segundo Marina de Mello e Souza, reflete o “produto do encontro de culturas africanas e da cultura ibérica, a festa incorporou elementos de ambas em uma nova formação cultural, na qual os símbolos ganharam novos sentidos” (2014, p. 19).

Em contrapartida, a Festa da Banana, organiza-se a partir de um elemento de trabalho ancestral: o cultivo da banana. Desde a plantação deste alimento, até seu trato e a efetivação em produtos que serão comidos e vendidos na festa, podemos encontrar elementos da história e cultura afro-brasileira. Não se trata apenas da fruta em si, mas estruturalmente da tradição em que os antepassados cultivavam a banana e realizavam tais práticas que ainda hoje são lembradas, “Repensar o conceito de tradição, de forma que ele não possa mais funcionar como polo oposto da modernidade. Isso depende de uma breve discussão da ideia de afrocentricidade” (Gilroy, 2001, p. 352).

Na visita à Festa da Banana, ao entendermos o processo histórico sobre o modo que esta comunidade lida com este alimento, foi possível identificarmos semelhanças com a ideia do Bem Viver discutida pelo pesquisador equatoriano Viteri Gualinga sobre as populações indígenas e “nesta perspectiva, o Bem Viver se transforma em ponto de partida, caminho e horizonte para desconstruir a matriz colonial que desconhece a diversidade cultural, ecológica e política” (Acosta, 2016, p. 83). Percebemos nesta comunidade quilombola, a relação de território enquanto afeto, diferentemente da ideia de terra enquanto propriedade privada. “Luta-se pela terra, mas é necessário fortalecer os vínculos para que se ocupe o território de forma



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

potente e criadora” (Almeida, 2022, p. 37). Algo pontuado pelos alunos após a presença na festa, foi sobre como mesmo mediante aos conflitos em relação à luta por manter-se naquela terra, a comunidade permanece oferecendo gratuitamente o almoço, resultado de intenso trabalho, principalmente das mulheres que durante dias, trabalham na elaboração das comidas para o festejo.

Após a visita, foi realizado um questionário com alguns dos alunos que foram ao evento. Apresentamos parte dos comentários a seguir:

Aluna 1: depois desta festa eu decidi que quero me dedicar em conhecer mais sobre meu estado, principalmente a história afro. Na escola quase não estudei sobre, mas ter participado do Sankofa me abriu a mente. Posso dizer que havia uma pessoa antes do projeto e uma depois. Quero voltar todos os anos na festa de Mata Cavalo! Quero trazer meus alunos quando for professora. Além disso, quero contar sobre a luta deste povo nas aulas de História.

Aluno 2: Conhecer o Mata Cavalo foi a realização de algo muito importante na minha vida acadêmica e pessoal. No campo acadêmico, como um estudante de história foi ver na prática de como as tradições são importantes para os quilombolas, sobretudo, a forma como a memória é preservada através das gerações. Ao nível pessoal, foi um resgate das festas populares que vivenciei na infância na cidade de Poconé.

Além disso, a discussão sobre a memória histórica no possibilita perceber que “é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades (...)” (Pollak, 1989, p. 4). A partir dos relatos dos alunos acima, conhecer a comunidade de Mata Cavalo representou um novo olhar sobre a história da população quilombola em Mato Grosso e forneceu um horizonte de possibilidades para a prática da docência em que se reconheceu não apenas as experiências da Festa da Banana enquanto elemento para a história, mas a própria trajetória pessoal do convívio com as festas populares de nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto consolidou-se a partir de experiências envolvendo duas disciplinas do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT: História e cultura afro-brasileira e indígena, ministrada para o segundo semestre e História da África, ministrada para o sétimo



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

semestre. Embora se trate do início e do final do curso, foi perceptível a lacuna de conhecimento sobre os temas que envolviam as relações étnico-raciais. No que tange à história de Mato Grosso e a questão racial, os alunos e alunas eram enfáticos em afirmar que gostariam de ampliar o conhecimento sobre o assunto. Desta forma, surgiu a ideia de um projeto de extensão que abordasse estes temas.

Nas rodas de conversa que realizávamos no projeto, a emergência de debates sobre problemáticas envolvendo a história da África e da cultura afro-brasileira, eram latentes. Os alunos apontavam que entendiam a necessidade de trabalhar tais conteúdos em sala de aula, mas não compreendiam como fazê-lo. Deste modo, foi imprescindível a participação do movimento negro do Estado e de demais professoras e professores, que direcionavam suas experiências e discutiam caminhos possíveis. Além disso, buscamos unir os três pilares fundamentais das universidades públicas brasileiras: ensino, pesquisa e extensão.

Assim, escolhemos tratar sobre a visita à Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, pois, identificamos que foi um dos momentos preferidos dos participantes do projeto. Após a festa, surgiram ideias de pesquisa e a organização de visitas posteriores. As redes sociais do curso e dos integrantes do projeto, ficaram repletas de relatos de experiência, não somente dando visibilidade para a comunidade, mas discutindo um novo viés da História de Mato Grosso, em que os sujeitos negros, tornaram-se protagonistas.

Apenas um projeto de extensão de duração de doze meses não dá conta de discutir tantos caminhos possíveis e negligências sobre as relações étnico-raciais, mas entendemos que sua própria existência condiciona com que a formação dos alunos envolvidos não se efetue sem tais reflexões. Desde a passagem por monumentos na cidade em que exigem uma maior concepção crítica, até momentos de maior aprofundamento teórico sobre como determinados assuntos podem ser discutidos em sala de aula. Além disso, o *Sankofa* representa o início de um projeto de extensão que procuramos estruturar para que se consolide como um programa de atividades envolvendo a questão afro-brasileira no Estado.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas.** São Paulo: Elefante, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. *Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Seção 1, p. 49. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-7-de-18-de-dezembro-de-2018-55877677>. Acesso em: 20 de dez. 2023.

CAMPOS, Juliana Soares. **Comunidade quilombola de Mata Cavalo.** Belo Horizonte: FAFICH, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão e comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GADOTTI, Moacir. *Extensão universitária: para quê?* Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf Acesso em: 20 de jun. 2023.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A ideia de África.** Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África.** Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.1, n. 62. p.20-31, dez. 2015. Doi: 10.11606/issn.2316-901X.v0i62p20-31.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de., CANDAU, Vera M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista.** Belo Horizonte. v. 26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010. DOI: 10.1590/S0102-46982010000100002.

SOUZA, Marina de Mello e Souza. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo.** Belo Horizonte: UFMG, 2014.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

WALSH, Catherine. Introducion – (Re) pensamento crítico y (de) colonialidad. *In*: WALSH, Catherine. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latino-americanas**. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005.